

Denise Rocha  
(Organizadora)

# Matizes na Literatura Contemporânea 2



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

Denise Rocha  
(Organizadora)

# Matizes na Literatura Contemporânea 2



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Denise Rocha

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

M433 Matizes na literatura contemporânea 2 / Organizadora  
Denise Rocha. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-703-1

DOI 10.22533/at.ed.031212701

1. Literatura. I. Rocha, Denise (Organizadora). II. Título.  
CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

A coleção “Matizes da literatura contemporânea 2” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de catorze capítulos: 1- Literatura e Resistência: ecos da opressão no romance *Selva Trágica*, de Jesuíno Arvelino Pinto; 2- “Colheita” e “Penélope”: um diálogo intertextual, de Neila da Silva de Souza; 3- Narrativas imagéticas, históricas e histórico-ficcionais: *Musa Praguejadora*: a vida de Gregório de Matos (2014), de Ana Miranda, de Denise Rocha; 4- Vermelho Amargo: Doce amor de mãe, de Neila da Silva Souza; 5- Narrativa diaspórica e posicionamento na relação entre ocidente e oriente, de Loiva Salette Vogt; 6- Do quadrado ao círculo: projetos de máquinas de leitura das narrativas de Julio Cortázar e Amílcar Bettgega, de Adriana de Borges Gomes e Mike Sam Chagas; 7- A moenda e a saudade: pintura e música em Da Costa e Silva, de Raimunda Celestina Mendes da Silva; 8- *Contagem Regressiva*, um experimento poético de Ana Cristina César, de Dulce Maurília Ribeiro Borges; 9- O discurso jovem: construção e avaliação através da literatura de cordel, de Paulo Roxo e Claudia Regina Lemes; 10- “Ele vai ser famoso, uma lenda”: o fenômeno cultural *Harry Potter*, de Fellip Agner Trindade Andrade; 11- Em cena: a bruxa, a diva dos contos de fadas, de Valdiney Valente Lobato de Castro; 12- A relação entre personagens e experiências em leituras literárias de alunos de anos iniciais: um estudo, de Rosa Maria Hessel Silveira, Edgar Roberto Kirchof e Maria Isabel Dalla Zen; 13- Por uma teoria da literatura aplicada como campo específico dos estudos literários, de Micheline Madureira Lage e 14- Alteridade na literatura feminina, de Valdivia Vania Siqueira Beauchamp.

O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas e relatos que transitam nos vários caminhos da literatura e suas relações com as outras ciências e artes, a teoria e o ensino.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi, de um lado, o aspecto relacionado às abordagens das tendências contemporâneas das obras literárias: hibridização das formas, intertextualidade, experimentalismo, polifonia, paródia, ironia, dialogismo, metaficção historiográfica, discurso, criação coletiva etc. Os temas escolhidos refletem o diálogo interartístico e interdisciplinar da literatura, imerso nas reflexões sobre a sociedade contemporânea: exílio, gênero, preconceito, cultura, oralidade, classe social, exploração, etnia, testemunho, opressão, entre outros. E, de outro, a aplicabilidade do letramento literário.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de todos aqueles que de alguma forma se interessam pela literatura em seus aspectos interdisciplinares.

Deste modo a obra “Matizes da literatura contemporânea 2” apresenta uma teoria bem fundamentada nos resultados práticos obtidos pelos diversos professores e

acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Denise Rocha

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
LITERATURA E RESISTÊNCIA: ECOS DA OPRESSÃO NO ROMANCE <i>SELVA TRÁGICA</i> Jesuino Arvelino Pinto DOI 10.22533/at.ed.0312127011	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
“COLHEITA” E “PENÉLOPE”: UM DIÁLOGO INTERTEXTUAL Neila da Silva de Souza DOI 10.22533/at.ed.0312127012	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
NARRATIVAS IMAGÉTICAS, HISTÓRICAS E HISTÓRICO-FICCIONAIS: MUSA PRAGUEJADORA: A VIDA DE GREGÓRIO DE MATOS (2014), DE ANA MIRANDA Denise Rocha DOI 10.22533/at.ed.0312127013	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>43</b>
VERMELHO AMARGO: DOCE AMOR DE MÃE Kátia de Oliveira Carvalho Marília Gabriela Barros de Moraes Claudia Miranda da Silva Moura DOI 10.22533/at.ed.0312127014	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
NARRATIVA DIASPÓRICA E POSICIONAMENTO POLÍTICO NA RELAÇÃO ENTRE OCIDENTE E ORIENTE Loiva Salete Vogt DOI 10.22533/at.ed.0312127015	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
DO QUADRADO AO CÍRCULO: PROJETOS DE MÁQUIAS DE LEITURA DAS NARRATIVAS DE JULIO CORTÁZAR E AMILCAR BETTEGA Adriana de Borges Gomes Mike Sam Chagas DOI 10.22533/at.ed.0312127016	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
A MOENDA E SAUDADE: PINTURA E MÚSICA EM DA COSTA E SILVA Raimunda Celestina Mendes da Silva DOI 10.22533/at.ed.0312127017	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>78</b>
<i>CONTAGEM REGRESSIVA</i> , UM EXPERIMENTO POÉTICO DE ANA CRISTINA CESAR Dulce Maurília Ribeiro Borges DOI 10.22533/at.ed.0312127018	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
O DISCURSO JOVEM: CONSTRUÇÃO E AVALIAÇÃO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL	
Paulo Roxo Barja Claudia Regina Lemes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0312127019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>102</b>
“ELE VAI SER FAMOSO, UMA LENDA”: O FENÔMENO CULTURAL <i>HARRY POTTER</i>	
Fellip Agner Trindade Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.03121270110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>108</b>
EM CENA: A BRUXA, A DIVA DOS CONTOS DE FADAS	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.03121270111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>118</b>
A RELAÇÃO ENTRE PERSONAGENS E EXPERIÊNCIAS EM LEITURAS LITERÁRIAS DE ALUNOS DE ANOS INICIAIS: UM ESTUDO	
Rosa Maria Hessel Silveira Edgar Roberto Kirchof Maria Isabel Dalla Zen	
<b>DOI 10.22533/at.ed.03121270112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>128</b>
POR UMA TEORIA DA LITERATURA APLICADA COMO CAMPO ESPECÍFICO DOS ESTUDOS LITERÁRIOS	
Micheline Madureira Lage	
<b>DOI 10.22533/at.ed.03121270113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>145</b>
ALTERIDADE NA LITERATURA FEMININA	
Valdivia Vania Siqueira Beauchamp	
<b>DOI 10.22533/at.ed.03121270114</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>151</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>152</b>

## POR UMA TEORIA DA LITERATURA APLICADA COMO CAMPO ESPECÍFICO DOS ESTUDOS LITERÁRIOS

*Data de aceite: 04/01/2021*

*Data de submissão: 06/12/2020*

**Micheline Madureira Lage**

IFG – Goiânia

<http://lattes.cnpq.br/6319414018835498>

**RESUMO:** As pesquisas na interface literatura/ensino apontam que, genericamente, a literatura, dentro do componente curricular língua portuguesa, é explorada na etapa escolar do ensino médio sob o viés da periodização literária. O relativismo de interpretação na ótica do letramento literário e do dialogismo não prevalece nas aulas. Na contramão desse processo, situam-se os avanços dos Estudos Literários, bem como da área da Educação. Urge, portanto, pensar em um campo específico, assim como se deu com a Linguística, no que concerne aos Estudos Literários, para minimizar a problemática. A tese para a importância dessa área é o eixo organizador dos argumentos expostos neste ensaio. A consolidação da Teoria da Literatura na prática levaria a mudanças substanciais em matrizes curriculares de cursos de licenciatura em Letras, em Pedagogia, em políticas públicas, bem como nos livros didáticos de língua portuguesa.

**PALAVRAS - CHAVE:** Teoria da Literatura Aplicada, Literatura e Ensino, Letramento literário.

### TOWARDS APPLIED LITERARY THEORY AS A SPECIFIC FIELD IN LITERARY STUDIES

**ABSTRACT:** Research at the interface between literature and teaching has shown that literature, on the Portuguese Language and Literature Curriculum, is generically, explored along secondary education under the proposition of literary periodization. Relativism in interpretation under the perspective of literary literacy and dialogism does not always prevail in classes. Contrary to this process, advances in Literary Studies are situated, as well as in the area of Education. Therefore, there is an urgent need to think about a specific field, as it occurred to the Linguistics, in order to minimize the above-mentioned problem. The thesis for the importance of this area is the organizing axis of the arguments exposed in this essay. The consolidation of the Theory of Literature in practice would lead to substantial changes in the curricular matrices of undergraduate courses in Literature, in Pedagogy, in public policies, as well as in the Portuguese language textbooks.

**KEYWORDS:** Applied Literary Theory, Literature and Teaching, Literary literacy.

Este ensaio é fruto de minhas escolhas teóricas, sempre buscando a compreensão das possíveis interfaces entre literatura e educação. Também diz respeito à minha trajetória profissional e acadêmica. A tese defendida ao longo do texto é de que é necessário pensar-se em uma área específica para a literatura e seu

ensino a qual eu chamo de Teoria da Literatura Aplicada. Tais argumentos fundamentam-se, principalmente, nos estudos do campo literário ao qual eu passo a contextualizar a seguir.

A Teoria da Literatura é a ciência à qual compete estudar as manifestações literárias. Conforme explica Zilberman (2013), o objeto da Teoria da Literatura é complexo, pois diferentemente de outras Ciências que não precisam explicar qual é sua matéria de estudo, a Teoria da Literatura necessita, permanentemente, esclarecer qual é a natureza do produto sobre o qual dirige a sua atenção. Isso, porque, em conformidade com o que também diz Lajolo:

*O que é literatura?* é uma pergunta que tem várias respostas. E não se trata de respostas que, paulatinamente, vão se aproximando cada vez mais de uma grande verdade, da verdade-verdadeira. Não é nada disso. Não existe *uma* resposta correta, porque cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição para literatura (LAJOLO, 1996, p.24-25).<sup>1</sup>

Ou seja, o conceito de literatura é histórico e, se a literatura não foi sempre vista da mesma maneira, facilmente percebemos que os modos de pensá-la foram igualmente diversos. Podemos, de uma forma muito sucinta, resumir a História da Teoria da Literatura da seguinte forma: preocupação com o autor - Romantismo e Século XIX em que perpetua na crítica literária a inclinação historicista e o biografismo. Outro período em que se percebe uma acentuada inclinação para o texto - como exemplo podemos citar o *New Criticism*, movimento crítico que se desenvolve a partir dos anos 30, nos Estados Unidos. E, nos últimos tempos, uma transferência de atenção para o leitor. A reflexão que move a chamada Estética da Recepção, por exemplo, preocupa-se, sobretudo, com as operações receptivas, ou seja, com os procedimentos efetuados pelo leitor no contato com a obra e suas consequências na conformação do público (a receptividade da obra em sentido amplo). Observam-se, a partir dessa trajetória histórica, três polos: *autores, texto literário e público*. Poderíamos, portanto, dizer que a Teoria da Literatura tem-se caracterizado por deslocar a sua atenção de um desses três polos para outro.

A busca pela especificidade do literário mobilizou sobretudo a crítica formalista e estruturalista. Os estudiosos ligados a essa linha diziam que um dos elementos determinantes para se considerar se um texto é literário ou não é o índice da chamada *literariedade*. Trata-se de um conceito complexo, que tem caráter histórico, relativo, mas que muitas vezes é levado em conta para a identificação de certos traços peculiares do discurso literário. Essa relatividade e essas limitações não impedem que seja assinalada uma série de caracteres distintivos do discurso literário em relação a outros discursos. O predomínio da conotação, a liberdade na criação, a ênfase no significante e o estranhamento são alguns desses caracteres. Entretanto, hoje são levados em conta acentuadamente a *recepção* e os *aspectos contextuais*, que impedem a visão de uma literatura fechada em

<sup>1</sup> Destaques da própria autora. Em 2001, Lajolo deu nova redação a esse livro, intitulado-o *Literatura: leitores & leitura*.

si mesma.

De acordo com Zilberman (2013), a partir dos anos 1960, e sobretudo depois dos anos 1970, a Teoria da Literatura abriu-se em orientações diversas. Um dos autores que impactaram os estudos literários foi Bakhtin. Contemporâneo dos formalistas, suas obras questionavam as bases teóricas até então defendidas, indicando que a língua não correspondia a um sistema desgastado, banal e desprovido de elementos sociais. Dessa forma, o filósofo da linguagem foge às concepções de texto dos formalistas mais ortodoxos, e resgata as ligações do texto literário com a história. Para Bakhtin,<sup>2</sup> a obra literária estabelece vínculos com o conteúdo da consciência dos indivíduos receptores e só é apreendida no contexto dessa consciência, que lhe é contemporânea. A obra é interpretada no espírito desse conteúdo da consciência (dos indivíduos receptores) e recebe dela uma nova luz. É nisso que reside a vida da obra. De acordo com Bakhtin, “em cada época de sua existência histórica, a obra é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia cambiante do cotidiano, a impregnar-se dela, a alimentar-se da seiva nova secretada” (BAKHTIN, 1997, p. 119).

Infere-se, da citação acima, a noção de “dialogismo”, muito mencionada por pesquisadores e comentadores da obra de Bakhtin. Podemos definir o dialogismo como a relação necessária entre um enunciado e outros, sempre situados em um horizonte histórico. Assim, a obra literária é uma construção polifônica, na qual várias vozes se cruzam, em um jogo dialógico, cruzando-se também várias ideologias, uma vez que a obra literária não está isolada, mas faz parte de um grande sistema de correlações. Nas palavras de Carvalhal, ao discorrer acerca dos trabalhos de Bakhtin, “o texto escuta as ‘vozes’ da história e não mais as re-presenta como uma unidade, mas como um jogo de confrontações” (CARVALHAL, 1992, p. 48).

Na esteira de Bakhtin, Kristeva chegou à noção de “intertextualidade”, termo por ela cunhado em 1969<sup>3</sup> para designar o processo de construção do texto literário. Segundo Kristeva “todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, se instala a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, pelo menos, como dupla” (KRISTEVA, 1974, p. 146).

Esse conceito foi muito importante no campo literário, porque abalou a antiga concepção de influência, deslocando o sentido de “dívida”, antes tão enfatizado quando se estudava um autor e o comparava a outro. Procurava-se, nos estudos comparados, ver qual autor devia ao outro a influência, a inspiração. Com a noção de intertextualidade, a dívida que um texto adquiria com seu antecessor, passa, ao contrário, a ser entendida

2 A versão que tenho da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* é a 8ª edição brasileira, de 1997. Entretanto, é importante ressaltar que a 1ª edição brasileira, pela Hucitec, é de 1979, a partir do francês com consultas à tradução americana e ao original russo. Em 2017, foi publicado pela editora 34, *Marxismo e filosofia da linguagem*, com tradução do texto diretamente da primeira edição russa, de 1929. Entretanto, optei pela versão que já tinha da obra, traduzida a partir do francês, pois não considero que a nova edição muda substancialmente o pensamento bakhtiniano.

3 *Sêméiôtikè (Recherches pour une sémanalyse)*. Paris: Seuil, 1969. (Em Português: *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974). Apud CARVALHAL, 1992, p. 49.

como um procedimento natural e contínuo de reescrita dos textos.

Se a literatura muda com o tempo, é importante refletirmos acerca da relação linguagem/sociedade na atualidade. Vivemos um período em que a linguagem, no seu uso social, abarca múltiplas realizações, com um intenso intercâmbio entre as diversas modalidades artísticas.

Nosso tempo impregnou-se da visualidade. A todo instante nos deparamos com *outdoors*, panfletos, letreiros, placas, faixas e outros meios de propaganda que abarcam não só a escrita, mas também a imagem. Além disso, com o desenvolvimento tecnológico, recebemos hoje uma variedade de informações por meio da internet, da televisão, do rádio. O *WhatsApp* tornou-se principal fonte de comunicação entre as pessoas, misturando-se texto e símbolos (como os emojis), além de figurinhas e memes, sendo a multimodalidade a palavra de ordem nos discursos contemporâneos. A informação também nos chega através de um montante enorme de jornais, de revistas, assim como a desinformação, essa armadilha do século XXI, espalhada pelas chamadas *fake news*, ou notícias falsas, veiculadas com ares de veracidade, publicadas em sua maioria pela internet. É a coexistência e o intercâmbio dessa diversidade de linguagens, é esse conjunto de vozes que caracterizam a contemporaneidade.

Nesse novo contexto social e, de posse das perspectivas apontadas pela Teoria da Literatura hoje, como formar o jovem leitor de literatura? De que métodos o professor pode lançar mão? É sobre isso que discutiremos a seguir.

## **A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E A FORMAÇÃO DO LEITOR DE LITERATURA**

Segundo Aguiar e Bordini (1988), até meados da década de 80 o método recepcional era pouco conhecido e utilizado nas escolas brasileiras, em cuja tradição não cabia o ponto de vista do leitor. Com o crescimento do interesse das universidades pela questão da leitura, a Estética da Recepção tem sido difundida no meio acadêmico.

No entanto, as principais linhas e tendências da Teoria da Literatura são estudadas nas universidades brasileiras, muitas vezes sem se fazer a ponte com a prática. Dessa forma, os alunos saem de seus cursos de formação na área de Letras sem entender o porquê e o para quê se ensinar literatura repetindo-se as fórmulas trazidas pelos livros didáticos e o que o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) exige em termos de leitura. O ensino médio tornou-se etapa escolar mecanizada em que se preocupa com o que o jovem possa vir a ser, não ao que ele já é, deixando-se passar importante fase da vida para se ler a literatura de forma prazerosa e crítica.

Em geral, os estudos literários no ensino médio têm se dedicado à exploração de textos e sua contextualização em um espaço-tempo, sob um eixo positivista. O relativismo de interpretação e, portanto, de leitura não é tópico relevante. O importante é levar o aluno a adquirir estratégias de leitura e de escrita que o habilitem a passar no ENEM ou em algum

vestibular, alijando esse jovem de perceber o encontro estreito que existe entre literatura e vida.

Em pesquisa intitulada *Ensino, Literatura e Formação de Professores na Educação Superior*: retratos e retalhos da realidade mineira, Lage (2010) percebeu pouco interesse entre os professores do campo literário por buscar articulações entre educação/literatura, tal qual relatado por Maria Alice Faria em Memorial apresentado em 1987 no Instituto de Letras, História e Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Assis, São Paulo, para concorrer a uma vaga de docente titular.

O difícil diálogo entre a Educação e a Letras e o desprezo pelas questões ligadas ao ensino nos cursos de Letras são objeto de reflexão de Faria em várias passagens do texto. A autora historiciza a criação da USP e fala de suas impressões no tempo em que lá graduou-se em Letras:

Na USP [...] havia uma inversão de prioridades, pois o principal objetivo era criar um centro de pesquisas desinteressadas e de alta cultura. A formação do professor secundário foi para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) uma espécie de acidente de percurso, imposto pela lei federal. A incorporação à FFCL de cursos de natureza pedagógica foi um processo mais ou menos longo e sempre com desvantagens para o aspecto diretamente voltado para a formação do professor (FARIA, 1987, p. 43).

Ou seja, a consagração da literatura somada ao desinteresse dos professores dessa área por acompanhar as legislações e as reformas no campo educacional são de longa data. Isso faz com que se avance pouco na pesquisa voltada para a aplicação dos conhecimentos da área literária ao contexto da educação básica. Também reflete na pouca qualidade dos livros didáticos quanto à abordagem do texto literário e ainda no risco de se dar cada vez menos espaço para a literatura nas aulas de português, em uma sociedade cada vez mais utilitária e pragmática, em que os pesquisadores e teóricos do campo literário não se articulam para salvaguardar a literatura como um direito dos jovens. Para que haja mudança nesse quadro é preciso fortalecer a voz do aluno, dar lugar para que ele se exponha como leitor.

Nesse sentido, o método recepcional pode ser um dos caminhos uma vez que não se submete à tradição dominante, pois sua base teórica defende a ideia do “relativismo histórico e cultural, já que [a Teoria da Recepção] está fundamentalmente convicta da mutabilidade dos objetos, bem como da obra literária, dentro do processo histórico”. (Fokkema, 1977, p. 138). Se o historicismo positivista entende os fenômenos literários como determinados pelos fatos sociais em uma relação de origem unilateral, em que a obra é sempre consequência e nunca causa, o conceito de historicidade da teoria recepcional é o de relação de sistemas de eventos comparados num aqui-e-agora específico: a obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada.

A recepção é concebida, pelos teóricos alemães da Escola de Constança, como uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento de sua produção como no de seu percurso histórico de leituras, que pode ser estudado esteticamente, o que dá ensejo à denominação da teoria de Estética da Recepção. A noção de concretização é derivada dos trabalhos do polonês Roman Ingarden (1973), na década de 1930, e do tcheco Felix Vodicka (*apud* Toledo, 1978) na década de 1940. Para Ingarden, ao se examinar uma obra literária (seu “modo de ser”), percebe-se que ela é uma estrutura linguístico-imaginária, permeada de pontos de indeterminação e de esquemas potenciais de impressões sensoriais, os quais, no ato de criação ou da leitura, são preenchidos e atualizados, transformando o que era trabalho artístico do criador em objeto estético do leitor, ou seja, o leitor seria uma espécie de coautor e não um sujeito passivo.

Para Vodicka, a obra literária é um signo estético dirigido ao leitor, o que exige a reconstituição histórica da sensibilidade do público para entender-se como ela se concretiza. A concretização, nesse caso, seria operada por meio de avaliações que o leitor, em sua consciência, atribui à obra-signo a partir de determinada norma estética vigente. Por isso, as concretizações de um texto se modificam constantemente, segundo a sociedade que avalia em determinado momento a obra, seus temas e procedimentos estruturais.

As ideias de Ingarden e Vodicka são reformuladas por teóricos posteriores, que entendem o processo de concretização como interação do leitor com o texto literário. Tudo o que o texto não diz, ou silencia, cria vazios que forçam o leitor a interferir no processo de criação, a dialogar com a escrita, em um ato de comunicação legítimo.

Wolfgang Iser, retomando Ingarden e Vodicka, fala, em *O ato da leitura* (1996), das estratégias que são adotadas nos textos e dos repertórios de temas e alusões familiares que eles trazem em si. Para ler determinada obra, precisamos ter domínio das técnicas e convenções literárias que foram adotadas para a sua construção; devemos ter certa familiaridade com seus códigos, entendendo-se por isso o conhecimento das regras que a governam sistematicamente, das maneiras pelas quais a obra expressa seus significados.

Terry Eagleton (1991), comentando as principais ideias de Iser, vale-se de um exemplo interessante que nos mostra a diferença de postura que tomamos ao ler um texto literário ou outros quaisquer. Supomos que deparamos com o seguinte aviso no metrô: “Cachorros devem ser carregados na escada rolante”. Para compreendermos esse aviso, temos que fazer muito mais do que simplesmente ler as palavras uma após a outra. Precisamos saber, por exemplo, que essas palavras pertencem ao que poderia ser chamado de código de referência – que o aviso não é apenas algo decorativo para distrair os passageiros, mas refere-se ao comportamento de cães e passageiros reais, em uma escada rolante real.

Devemos mobilizar o nosso conhecimento social geral para reconhecermos que o aviso foi colocado ali pelas autoridades, que essas autoridades têm o poder de punir os transgressores, que nós, fazendo parte do público, estamos implicitamente sendo avisados, e nada disso é evidente nas palavras do cartaz, em si. Ou seja, nós temos que

recorrer a certos códigos e convenções de leitura – convenções de leitura que nos dizem que “a escada rolante” significa “esta escada rolante” e não alguma outra, que “devem ser carregados” significa “ser carregados agora”, e assim por diante. Devemos reconhecer que o gênero do aviso é de tal ordem que adotamos uma convenção de leitura que elimina a ambiguidade.

No entanto, para Iser, não é isso o que acontece ao se ler literatura. Eagleton complementa seu comentário: “Se houvesse uma perfeita adequação entre os códigos que governam as obras literárias e os códigos que aplicamos à sua interpretação, toda literatura seria tão pouco inspiradora quanto o aviso no metrô”. (Eagleton, 1991, p. 84). Para Iser, a obra literária mais eficiente é aquela que força o leitor a uma nova consciência crítica de seus códigos e expectativas habituais. Em lugar de simplesmente reforçar as percepções que temos, a obra literária, quando rica, desafia nossos modos normativos de ver e com isso nos revela novos códigos de entendimento. Há aqui relação com os formalistas russos: no ato da leitura, nossas suposições habituais são “desautomatizadas”, são revistas, a ponto de podermos criticá-las, modificando nossas percepções.

Vitor Chkloviski, um dos nomes chave do Formalismo Russo, diz:

Examinando a língua poética tanto nas suas constituintes fonéticas e léxicas como na disposição das palavras e nas construções semânticas constituídas por estas palavras, percebemos que o caráter estético se revela sempre pelos mesmos signos: é criado conscientemente para libertar a percepção do automatismo; sua visão representa o objetivo do criador e ela é construída artificialmente de maneira que a percepção se detenha nela e chegue ao máximo de sua força e duração. O objeto é percebido não como uma parte do espaço, mas por sua continuidade. A língua poética satisfaz estas condições. [...] A língua poética deve ter um caráter estranho, surpreendente; na prática, é freqüentemente uma língua estrangeira[...] (CHKLOVSKI, V. In: TOLEDO, 1978, p. 64).

Ao modificarmos o texto com nossas estratégias de leitura, ele também nos modifica, pois faz questionar nossas crenças e deixa que sejam modificadas. O leitor “ideal”, para Iser, seria aquele que possui convicções muito provisórias, pois só assim estaria aberto para sofrer as transformações que o texto literário propicia.

Iser desenvolve a teoria do leitor implícito. Para ele, todo texto literário é construído a partir de um certo sentimento em relação ao seu público potencial, e inclui uma imagem daqueles a quem se destina. Em outras palavras, toda obra encerra em si o tipo de leitor que prevê:

O leitor implícito não tem existência real; pois ele materializa o conjunto das preorientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção a seus leitores possíveis. Em consequência, o leitor implícito não se funda em um substrato empírico, mas sim na estrutura do texto (ISER, 1996, p. 73).

As seleções paradigmáticas na linguagem que o autor emprega já consideram implícita uma gama de possíveis públicos. Mesmo que o escritor esteja indiferente a quem vai ler a sua obra, um certo tipo de leitor já está presente no próprio ato da escritura, funcionando como uma estrutura interna do texto.

Iser coloca em evidência a todo instante o papel do leitor, pois sem ele não haveria motivo para a existência das obras literárias. Estas seriam meros objetos decorativos nas estantes. É o leitor quem dá sentido ao texto na prática leitora. Para que a literatura aconteça, o leitor é tão vital quanto o autor. Iser tem consciência da dimensão social da leitura, mas prefere concentrar-se em seus estudos sobretudo nos aspectos estéticos e recepcionais.

Com uma percepção histórica mais aguda, Hans-Robert Jauss procura situar a obra literária no horizonte histórico dos significados culturais dentro dos quais ela foi produzida, para em seguida explorar as relações variáveis entre ela e os horizontes, também variáveis, dos seus leitores históricos. Para este teórico, o leitor é um horizonte de experiências, ou seja, sujeito histórico que traz toda uma bagagem de vida, que acolhe positivamente ou negativamente uma criação artística, sendo, pois responsável pela recepção desta.

O leitor precisa interagir com o texto literário. Ambos estão muitas vezes mergulhados em horizontes históricos distintos. Para que a comunicação ocorra, é necessário que haja uma mistura desses horizontes. A essa experiência Jauss (1994) dá a denominação de fusão de horizontes, que seria o processo de intercâmbio do leitor com a obra literária. Esta, integrada em sua origem a um horizonte histórico, vai se apropriando dos horizontes dos outros momentos temporais em que circula. Portanto, não apenas cada leitor contribui com seu horizonte, como recebe da obra os horizontes a que ela já se almagamou com o decorrer da história. Nessa perspectiva, é como se a obra ganhasse nova vida a cada novo leitor que a lê.

Regina Zilberman elenca as seguintes ordens de convenção constitutivas do horizonte de expectativas, através do qual o autor/leitor concebem e interpretam a obra:

- social, pois o indivíduo ocupa uma posição na hierarquia da sociedade;
- intelectual, porque ele detém uma visão de mundo compatível, na maior parte das vezes, com seu lugar no espectro social, mas que atinge após completar o ciclo de sua educação formal;
- ideológica, correspondente aos valores circulantes no meio, de que se imbuí e dos quais não consegue fugir;
- linguística, pois emprega um certo padrão expressivo, mais ou menos coincidente com a norma gramatical privilegiada, o que decorre tanto de sua educação, como do espaço social em que transita;

- literário, proveniente das leituras que fez, de suas preferências e da oferta artística que a tradição, a atualidade e os meios de comunicação, incluindo aí a própria escola, lhe concedem (ZILBERMAN, 1989, p. 103).

Podemos aproximar tais fatores (todos afinal de âmbito social) ao que a pesquisadora Graça Paulino chama de *letramento literário*. De acordo com ela, o conceito de *letramento* pode ser pensado em relação à literatura. Como outros tipos de *letramento*, o literário continua sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura e escrita que não se reduzem à escola, mas passam por ela. A respeito da formação do leitor de literatura, destaca Paulino:

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção (PAULINO, 1998, p. 8).

Acrescente-se ao que foi dito por Paulino e Zilberman a influência do fator de ordem afetiva na leitura de um texto literário. A emoção pode fazer, muitas vezes, com que o leitor se sinta atraído ou não por determinada obra. Como se percebe, são muitos os fatores constitutivos do horizonte de expectativas do leitor, que podemos compreender, afinal, como sua bagagem de vida.

No ato de recepção de uma obra, a fusão de horizontes de expectativas ocorre obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidos. O texto torna-se o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se. Daí poder-se tomar a relação entre expectativas do leitor e a obra em si como parâmetro para a avaliação estética da literatura. Segundo Jauss, em texto de 1977,

[...] se chamarmos distância estética a diferença entre as expectativas e a forma concreta de uma obra nova, que pode iniciar uma 'modificação de horizonte', rechaçando experiências familiares ou acentuando outras latentes, esta se materializa na variedade das reações do público e dos juízes da crítica (êxito espontâneo, desprezo, provocação, aprovação esporádica, compreensão cada vez mais crescente ou tardia etc.) (JAUSS, 1977, p. 77).

A valorização das obras decorre, em termos temáticos e formais, de elas produzirem alteração ou expansão do horizonte de expectativas do leitor por oporem-se às convenções conhecidas e aceitas por esse. Uma obra é *perene* enquanto consegue continuar contribuindo para o alargamento dos horizontes de expectativas de sucessivas épocas.

As posições de Jauss e de Iser não são totalmente análogas. Ao passo que Jauss está interessado na recepção da obra, na maneira como ela é (ou deveria ser) recebida,

Iser concentra-se no efeito (*Wirkung*), na ponte que se estabelece entre o texto literário e os seus vazios, e o leitor. Para Iser diferentes leitores têm a liberdade de concretizar a obra de diferentes maneiras, e não há uma única interpretação correta que esgote o seu potencial semântico. No entanto, a leitura é condicionada por uma instrução rígida: o leitor deve construir o texto de modo a torná-lo internamente coerente. O modelo de leitura de Iser é fundamentalmente funcionalista: as partes devem ser capazes de se adaptar coerentemente ao todo.

Propondo sua estética da recepção, Jauss apresenta um programa de estudos fundado na efetiva recepção histórico-literária das obras. Com tal procedimento fica em aberto a própria apreensão do que seja a literatura; por isso, Jauss seria mais adiante obrigado a recuperar as condições da experiência estética. Reconstituo a gênese dessa experiência, empenha-se na reabilitação do prazer estético. “O prazer estético é hoje, ou era até há pouco, em geral desprezado como um privilégio da investida ‘burguesia culta’” (JAUSS, 1996, p.63).

Jauss reafirma a validade da experiência estética como atividade que produz simultaneamente prazer e conhecimento e atribui a ela uma função transgressora. A experiência estética propicia a emancipação do sujeito porque decorre do prazer originado da oscilação entre o eu e o objeto, oscilação pela qual o sujeito se distancia de si, aproximando-se do objeto, e se afasta do objeto, aproximando-se de si. O sujeito-leitor, segundo comentário de Lima acerca das ideias de Jauss, “distancia-se de si, de sua cotidianidade, para estar no outro, mas não habita o outro, como na experiência mística, pois o vê a partir de si”. (LIMA, 1979, p. 19).

A natureza eminentemente liberadora da arte, fundindo os papéis transgressor e comunicativo, será explicitada pela experiência estética, composta por três atividades denominadas *poiesis*, *aísthesis* e *kátharsis*, nomes esses retirados da estética clássica.

O primeiro plano, o da *poiesis*, corresponde ao prazer do leitor se sentir coautor da obra. O leitor dá vazão ao seu potencial inventivo participando da criação, apropriando-se dela. Jauss, referindo-se a Hegel, diz que a *poiesis* corresponde à caracterização que esse filósofo fez sobre a arte. Segundo Hegel, o indivíduo, pela criação artística, pode satisfazer a sua necessidade geral de “sentir-se em casa, no mundo”, ao “retirar do mundo exterior a sua dura estranheza” e convertê-la em sua própria obra.

A *aísthesis* designa o prazer provocado pelo efeito da obra de arte no indivíduo, renovando-lhe a percepção do mundo circundante. Jauss não deseja descobrir um novo sentido para a *aísthesis*, procurando, antes, assimilar a ela as interpretações vigentes. Concorda com Aristóteles, para quem o prazer estético decorre do reconhecimento diante do imitado. Jauss, citado por Zilberman (1989), afirma que esse processo engloba as noções de “pura visibilidade”, de K. Fiedler, “estranhamento” ou visão renovada, de V. Chklovski, “contemplação desinteressada”, de M. Geiger, e de experiência da “densidade do ser”, de J. P. Sartre.

Designa-se por *kátharsis* ou catarse aquele prazer afetivo resultante da recepção de uma obra verbal, que motiva o recebedor, nas palavras de Lima, “tanto à transformação de suas convicções, quanto à liberação de sua psique”. (LIMA, 1979, p. 80). A definição de catarse mostra-a basicamente como ação mobilizadora: propicia ao indivíduo não apenas prazer, mas motiva-o à ação. A catarse constitui a experiência comunicativa básica da arte, explicitando sua função social, ao inaugurar ou legitimar normas, ao mesmo tempo que corresponde ao ideal de arte autônoma, pois liberta o espectador dos interesses práticos e das implicações de seu cotidiano, oferecendo-lhe uma visão mais ampla dos eventos, estimulando-o a vê-los de outra maneira. Novas formas de comportamento social são adotados, bem como a revitalização da liberdade de formular juízos estéticos.

Jauss adverte que as três categorias básicas da experiência com a arte, poética, estética e catártica não devem ser vistas numa hierarquia de camadas, pois se mantêm autônomas e relacionadas entre si. Diante de sua própria obra literária, o escritor, além de criador, assume a postura de leitor. Experimenta, pois, a mudança de sua atitude, ao passar da *poíesis* para a *aísthesis*. Estas referem-se às habilidades de criação e de recepção, mas não são exclusivas do produtor ou do leitor.

O crítico literário chama a atenção ainda para o fato de a obra realizada desdobrar, na *aísthesis* e nas interpretações sucessivas, uma multiplicidade de sentidos que, de muito, ultrapassa o horizonte de sua origem. Revela-se, dessa maneira, o hiato quanto à *poíesis*, pois o autor não pode submeter a recepção ao propósito com que compusera a obra. Uma vez lançada ao público, a obra pertence aos seus possíveis leitores, que irão concretizá-la ao longo do tempo, de diferentes maneiras.

A própria atividade da *aísthesis* pode se converter em *poíesis*. Isso ocorre quando o recebedor considera o objeto estético como incompleto, saindo de sua atitude contemplativa para se converter em cocriador da obra, à medida que conclui a concretização, desvendando sua leitura.

Devido às relações entre as funções, a comunicação literária só conserva o caráter de uma experiência estética quando as atividades da *poíesis*, da *aísthesis* e da *kátharsis* mantiverem o caráter de prazer.

Após estudar e buscar definir o caráter estético de uma obra, Jauss (1979)<sup>4</sup> preocupa-se em descrever o processo de recepção. Sua proposta hermenêutica comporta três horizontes de leitura, ou horizontes de relevância temática, pelos quais deve passar o leitor, de maneira gradativa, em seu trabalho interpretativo: a compreensão, a interpretação e a aplicação.

O primeiro horizonte de leitura, a compreensão, corresponde a um primeiro nível de leitura, que se inicia pela percepção estética. É uma fase de descobertas em que o leitor se detém nos aspectos que saltam mais a seus olhos, como a disposição das formas, 4 Texto não publicado no Brasil. SEGERS, R. T. “An interview with Hans Robert Jauss”. In: *New literary history*. The University of Virginia, 1979. (12 páginas). Texto conseguido durante o XIII Encontro da ANPOLL, tradução de Besma Massad, Bauru – SP, 14/04/1991.

o ritmo, a sucessão dos versos, o desdobramento dramático etc. É nesse instante que, gradativamente, o leitor começa a dar sentido ao texto. Como salienta Lontra,

[...] ao leitor, no estágio da leitura compreensiva, compete descrever a linearidade do texto, que se apresenta como uma atividade de evidência crescente, progressiva e gradual, e registrar as perspectivas hermenêuticas, uma vez que a leitura compreensiva é o horizonte prévio de leituras posteriores, abrindo e limitando o espaço para futuras concretizações (LONTRA, 1992, p. 95).

A fase seguinte – posterior à da leitura compreensiva – é a interpretação. Esta é definida “como a concretização de uma significância específica (entre outras possíveis significâncias que os primeiros intérpretes concretizaram e que os intérpretes mais recentes possam ainda concretizar).”<sup>5</sup> Permanece sempre ligada ao horizonte da primeira leitura, pois apenas podem ser concretizadas significações que “apareceram ou poderiam ter aparecido ao intérprete como possíveis no horizonte de sua leitura anterior”. No primeiro momento de leitura, o da compreensão, quando ocorre a percepção estética, temos uma leitura progressiva que acompanha a linearidade do texto, ou do todo ao particular; a leitura é, nesse caso, retrospectiva.

O terceiro momento é o da leitura histórica, que recupera a recepção da qual a obra foi alvo ao longo do tempo. Hermeneuticamente, corresponde à etapa da aplicação, que inclui os atos de compreensão e interpretação, na medida em que ela representa o interesse de transportar o texto para fora de seu passado ou estranheza para entendê-lo no presente, encontrando as perguntas – na maioria das vezes não expressamente articuladas – para as quais o texto foi uma resposta na época em que foi escrito.

Isso significa interpretar o texto literário enquanto resposta tanto para expectativas do tipo formal, quanto para as questões de sentido, decorrentes de seu posicionamento diante do mundo e das vivências históricas de seus primeiros leitores. A experiência de leitura do leitor do passado deve ser superposta à leitura do leitor de uma época posterior, para que se possa “esgotar”, durante a interpretação, a diferença entre o horizonte passado e presente da leitura.

Nessa fase o leitor deve buscar sempre aquilo que o texto diz, e não o que ele (leitor) pode dizer sobre o texto. Esse momento possibilita a compreensão do texto na sua alteridade. Sintetizando, poderíamos dizer que na fase da compreensão ocorre uma leitura que se caracteriza como progressiva, na interpretação a leitura é retrospectiva e no terceiro momento, o da aplicação, a leitura recupera o histórico; é, portanto, reconstrutiva.

A atitude receptiva se inicia com uma aproximação entre texto e leitor, em que toda a historicidade de ambos vem à tona. As possibilidades de diálogo com a obra dependem, então, do grau de identificação ou de distanciamento do leitor em relação a ela, no que tange às convenções sociais e culturais a que está vinculado e à consciência que delas

---

5 Jauss, em entrevista dada a SEGERS, R. T. (1979).

possui. Em resumo, à medida que o leitor vai entrando em contato com os mais diversos textos artísticos, mais ele se liberta de suas próprias expectativas e experiências prévias, ampliando e modificando seus horizontes.

Se, por um lado, a obra vai ao encontro do sistema de valores e normas do leitor, o horizonte de expectativas desse permanece inalterado e sua posição psicológica é de conforto. Por outro lado, obras literárias que desafiam a compreensão, por se afastarem do que é esperado e admissível pelo leitor, frequentemente o repelem, ao exigirem um esforço de interação demasiado conflitivo com seu sistema de referências vitais.

Segundo Aguiar e Bordini (1988), a obra emancipatória perdura mais no tempo do que a conformadora, devendo haver uma justificativa para o investimento de energias psíquicas na comunicação que estabelece com o leitor, diante de um texto que se distancia de seu horizonte de expectativas através das estratégias textuais intencionais para a veiculação de novas convenções.

O reconhecimento dos procedimentos textuais que atraem o leitor a um pacto com a obra desafiadora ocorre a partir de uma tomada de consciência da distância entre a própria visão de mundo e a da obra, que pode ser facilitada pela análise de sua composição estética ou ideológica. Esse momento requer certa formação do leitor, de modo que haja uma familiarização com as normas de produção dessa espécie de obra.

Ele precisa conhecer o gênero, para perceber as alterações do texto novo em face do paradigma instituído, as formas e temas de obras anteriores, para captar diferenças de tratamento e a oposição entre o uso poético ou prático (mais cotidiano) da linguagem. A capacidade de análise, aí implicada, se complementa com a de comparação, que, para além dos limites dos textos, também deve abranger as pressuposições históricas e culturais extraliterárias, pois estas conduzem a certos tipos de compreensão e valoração.

O processo de recepção se completa quando o leitor, tendo comparado a obra emancipatória ou conformadora com a tradição e os elementos de sua cultura e de seu tempo, inclui-a ou não como componente de seu horizonte de expectativas, mantendo-o como era ou preparando-o para novas leituras de mesma ordem, para novas experiências de ruptura com esquemas estabelecidos. Quanto mais leituras o indivíduo acumula, maior a propensão para a modificação de seus horizontes, porque a excessiva confirmação de suas expectativas produz monotonia, que a obra desafiadora pode quebrar.

A atitude receptiva emancipadora promove a contínua reformulação das exigências do leitor quanto à literatura bem como quanto aos valores que orientam sua experiência de mundo. Assim sendo, a atividade de leitura fundada nos pressupostos teóricos da estética da recepção deve priorizar a obra desafiadora, uma vez que nela reside o poder de transformação de paradigmas ideológicos passíveis de crítica. Essa teoria, na verdade, dá um lugar especial à literatura – entende-a como arte revolucionária – capaz de afetar a história; insiste, de maneira contundente, na qualificação dos leitores pela interação ativa com os textos e a sociedade.

## APLICAÇÃO DO MÉTODO RECEPCIONAL EM SALA DE AULA

A aplicação da estética recepcional ao ensino de literatura<sup>6</sup> prevê a transposição dos pressupostos teóricos já citados à prática escolar da leitura literária. Por refletir a respeito do fenômeno literário sob a ótica do leitor como elemento atuante do processo, o método recepcional de ensino vai se fundar na atividade participativa do aluno em contato com textos literários em diálogo com os mais variados gêneros discursivos.

Na sala de aula, o primeiro passo do professor seria o de efetuar uma investigação acerca do horizonte de expectativas da classe, a fim de prever as estratégias de ruptura que vai utilizar para romper com esse horizonte inicial. Para isso, o docente pode lançar mão de instrumentos (questionários, por exemplo), rodas de conversa, respostas a entrevistas, produções textuais sobre as memórias literárias dos alunos, em que se possa averiguar os valores dos discentes em termos de crenças, modismos, estilos de vida, preferências quanto a lazer, interesses específicos de leitura, autores mais lidos etc.

Uma vez detectadas as aspirações, valores e familiaridades dos jovens com respeito à literatura e cultura de modo geral, a etapa seguinte consiste no atendimento do horizonte de expectativas, ou seja, em proporcionar à classe experiências com os textos literários que satisfaçam às necessidades dos estudantes, que não causem estranheza, tanto em relação às convenções estéticas aceitas por eles, como por temáticas mais afeitas à realidade que apontaram.

Quanto ao material literário, o professor proporá textos cujos temas e/ou composição sejam muito procurados, ou na própria literatura ou em outros meios de expressão, como na música (o *Rap* é um estilo musical bastante apreciado por jovens), as séries, as telenovelas, histórias em quadrinhos, apresentações teatrais, dentre outras possibilidades.<sup>7</sup>

A próxima etapa é a de ruptura do horizonte de expectativas pela introdução de textos que abalem as certezas e os costumes dos alunos. Essa introdução deve dar continuidade à etapa anterior por meio do oferecimento de textos que se assemelham aos anteriores em um aspecto apenas: o tema, o tratamento, a estrutura composicional, ou a linguagem. Entretanto, os demais recursos devem ser diferentes, de modo que o aluno ao mesmo tempo perceba estar ingressando em um campo desconhecido, mas também não se sinta inseguro demais a ponto de rejeitar a nova experiência.

O importante é que os textos dessa etapa apresentem maiores exigências aos alunos, seja por discutirem a realidade, desautorizando as versões socialmente vigentes, seja por utilizarem técnicas compositivas mais complexas, ou por apresentarem uma linguagem poética, revitalizada, capaz de tirar o leitor de seu lugar comum.

A seguir, ocorrerá a etapa do questionamento do horizonte de expectativas, decorrência da comparação entre as duas fases anteriores. Sobre o material literário já

6 A aplicação do método recepcional com exemplos de textos literários está descrita detalhadamente em AGUIAR & BORDINI, 1988, p. 80-102.

7 O professor deve buscar o diálogo com a diversidade de linguagens que permeia a contemporaneidade.

trabalhado, a classe exerce a sua análise, decidindo quais textos exigiram um nível mais alto de reflexão e, diante da descoberta de seus sentidos possíveis, trouxeram um grau maior de satisfação. Supõe-se, portanto, que os textos de melhor realização artística tendem a ser vistos como difíceis em um primeiro momento e, após análise e compreensão, a provocar a admiração do leitor.

Executada a análise comparativa das experiências de leitura, a classe debaterá seu próprio comportamento em relação aos textos lidos, buscando explicitar os desafios enfrentados, os processos de superação para entendimento dos textos, dentre outros aspectos. Esse momento é de autoanálise, quando surgirão perspectivas a respeito de dificuldades, definições de preferência quanto à temática e outros elementos da literatura, assim como a transferência das situações narrativas ou líricas para o âmbito da vida real dos leitores.

Resultante dessa reflexão sobre as relações entre leitura e vida, a ampliação do horizonte de expectativas é a última etapa do processo. Tendo percebido que as leituras feitas dizem respeito não só a uma tarefa escolar, mas ao modo como os alunos veem o mundo, nessa fase eles tomam consciência das alterações que a experiência com a literatura provocou neles. Cotejando seu horizonte inicial de expectativas com os interesses atuais, verificam que suas exigências se tornaram maiores, bem como sua capacidade de desvelar e compreender o que não é conhecido foi aumentada.

O final desta etapa é o início de uma nova aplicação do método, que evolui em um crescente, sempre permitindo aos alunos uma postura mais consciente com relação à literatura e à vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ser importante ressaltar que os pressupostos teóricos da Estética da Recepção combinados à noção de dialogismo baktiniano têm sido testados em sala de aula por nós desde a primeira década do século XXI sempre com imensa aceitação por parte dos jovens, estimulando entre eles a leitura literária, ou seja, a promoção do letramento literário.

Entretanto, tais experiências representam uma faixa estreita no universo que abrange a literatura e seu ensino. Compreende a prática vindoura, porém isolada, de uma professora de literatura. Para que haja mudanças profundas, é urgente que os cursos de Letras, que formam professores de língua portuguesa e suas literaturas, tomem como ponto fulcral de seus currículos a relação teoria/prática.

É preciso que a Teoria da Literatura e seus pressupostos influencie as diretrizes dos cursos de licenciatura em Letras, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os livros didáticos e paradidáticos, a fim de que se saia do empirismo, do teste à deriva, como um jogo de acerto e de erro, que se configura hoje o ensino de literatura na etapa escolar do

ensino médio. Esse jogo de acerto e de erro não tem fundamentação teórica alguma, mas sim o único objetivo de fazer com que o aluno obtenha nota no ENEM ou passe em alguma universidade por meio do vestibular, desvinculando totalmente literatura e vida.

As faculdades de Letras e os cursos de Pedagogia têm que refletir a respeito do que consiste ensinar/estudar literatura e por que ensinar/estudar literatura nos cursos de Letras e de Pedagogia. É importante que respondam à pergunta: ensinar/estudar literatura para quem e como? Para isso, são bem-vindos consensos a respeito das prioridades dos alunos que se tornarão professores da Educação Básica. Também são necessários estudos e reflexões a respeito da Literatura Infantil e Juvenil e do papel desta na formação dos alunos de Letras e de Pedagogia. Da mesma forma, precisam ser estimuladas pesquisas a respeito dos livros didáticos e da maneira como eles tratam os textos literários. Não menos necessária é a criação de grupos de estudos a respeito da legislação pertinente à Educação Básica, desconhecida por muitos professores – principalmente de Letras – sobretudo para contribuir na consolidação da apregoada interação da universidade com as escolas da Educação Básica. Isso exigiria diálogo entre professores do Ensino Superior e seus colegas da Educação Básica, a fim de desenvolver projetos de formação compartilhados. Enfim, é necessária uma conversa permanente em que se insista na articulação entre literatura e educação, construindo-se, dessa forma, um campo específico dentro dos Estudos Literários – a Teoria da Literatura Aplicada.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1992.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FARIA, Maria Alice. **Contramão I, II, III**. 1986-1987. 550 f. (Memorial apresentado no Concurso Público de Títulos e Provas para um cargo de Professor Titular, junto ao Departamento de Literatura, no Instituto de Letras, História e Psicologia da Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis.) UNESP-Assis, São Paulo: 1987. (Não publicado).

FOKKEMA D. W. ; KUNNE-IBISCH, Elrud. "Theories of literature". In: **The Twentieth Century**. London: C. Hurst, 1977.

INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 1973.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura** – uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1999, v. 2.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans-Robert. **A história da Literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LAGE, Micheline Madureira. **Ensino, literatura e formação de professores na educação superior: retratos e retalhos da realidade mineira**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. (Tese de doutorado).

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1996

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LIMA, Luiz Costa (Sel.) **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LONTRA, Hilda Orquídea H. **Com ciência e arte: o ensino de literatura em 2º grau**. Porto Alegre: PUC/RS, 1992. (Tese de Doutorado).

PAULINO, Graça. Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares. In: Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 21, 1998, Caxambu, Anais. Caxambu: ANPEd, 20-24 set. 1998.

SEGRS, R. T. "An interview with Hans-Robert Jauss". In: **New literary history**, The University of Virginia, 1979. (Texto não publicado no Brasil).

TOLEDO, Dionísio (Org.). **Círculo Linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia**. Porto Alegre: Globo, 1978.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **Fundamentos do texto literário**. 2ª ed. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2013.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Amor 5, 7, 17, 19, 20, 34, 35, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 76, 86, 87, 89, 90, 97, 100, 101

Artes Musicais 71

Artes plásticas 71, 72, 75, 77

### B

Bruxa 5, 8, 47, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

### C

Classe Social 5, 52, 53

Criação Coletiva 5, 92, 94, 95, 99

Crise 58, 78, 80, 81

Cultura 5, 8, 28, 33, 36, 65, 66, 72, 73, 74, 87, 92, 93, 94, 95, 99, 101, 107, 127, 132, 140, 141, 147, 148

### D

Dialogismo 5, 128, 130, 142

Discurso 5, 8, 3, 6, 9, 12, 13, 16, 23, 37, 46, 47, 50, 82, 83, 88, 92, 98, 99, 100, 121, 129

Dominação 1, 14, 20, 21

### E

Edificação 59

Ensino 5, 43, 44, 92, 94, 97, 120, 128, 129, 131, 132, 141, 142, 143, 144

Épica 13, 14, 16, 22, 23, 151

Etnia 5, 52, 53, 54, 55, 56, 118, 126, 127

Exílio 5, 27, 34, 38

Experiência 47, 53, 57, 79, 85, 115, 118, 126, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Experimentalismo 5, 78, 81, 87, 89, 90

Exploração 5, 1, 2, 3, 6, 8, 10, 11, 120, 121, 131

Exportação 1, 2

### F

Família 30, 35, 36, 43, 44, 46, 47, 49, 54, 55, 105, 116, 118, 121, 122, 124

Fenômeno cultural 5, 8, 102, 103, 105, 107

Fontes 23, 71, 72, 82, 87, 143

## **G**

Gênero 5, 28, 37, 43, 52, 53, 56, 66, 75, 78, 79, 80, 81, 87, 92, 97, 98, 118, 122, 125, 126, 134, 140, 146

Guerra 20, 29, 30, 36, 39, 40, 42, 52, 53, 86, 122, 124

## **H**

História 1, 2, 3, 5, 6, 11, 12, 15, 16, 18, 21, 23, 27, 36, 37, 38, 41, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 53, 59, 61, 62, 63, 65, 71, 72, 76, 82, 89, 97, 102, 103, 104, 109, 113, 115, 116, 120, 122, 125, 129, 130, 132, 135, 140, 143, 144, 146, 148, 151

## **I**

Intertextualidade 5, 13, 14, 16, 18, 19, 22, 23, 25, 37, 41, 50, 84, 87, 130, 136

Ironia 5, 25, 37, 41

## **L**

Leitor 23, 28, 36, 40, 41, 44, 46, 48, 49, 51, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 71, 75, 77, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 92, 104, 105, 106, 118, 121, 122, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147

Leitura 5, 7, 2, 27, 28, 36, 40, 44, 46, 55, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 76, 79, 83, 85, 86, 87, 89, 93, 94, 95, 97, 100, 105, 106, 108, 109, 110, 118, 119, 120, 124, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147

Letramento literário 5, 51, 128, 136, 142, 144

Literatura brasileira 25, 40, 41, 44, 149, 150

Literatura de Cordel 5, 92, 93, 94

Literatura Exigente 25, 28, 29, 40, 41

Literatura Infantil 50, 102, 108, 118, 143

## **M**

Mal 17, 33, 38, 54, 62, 74, 86, 96, 98, 103, 108, 109, 110, 111, 112, 146

Memória 39, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 58

Metaficção Historiográfica 5, 25, 28, 37, 41

Mulher 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 35, 37, 48, 49, 55, 56, 92, 97, 98, 109, 111, 114, 116, 145, 146, 147, 148, 149

Música 5, 7, 36, 71, 75, 76, 77, 93, 141

## **O**

Ocidente 5, 7, 52, 54, 56, 57, 58, 147

Opressão 5, 1, 3, 4, 7, 8, 9, 23, 98, 148

Oriente 5, 7, 52, 53, 54, 56, 57, 58

## **P**

Paródia 5, 25, 37, 41, 148

Pintura 5, 7, 26, 32, 42, 59, 71, 72, 73, 76

Poder 1, 2, 4, 6, 15, 22, 33, 37, 38, 53, 54, 55, 65, 90, 103, 111, 116, 117, 133, 136, 140

Poesia 16, 28, 30, 36, 38, 39, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 89, 90, 91, 94, 100

Polifonia 5, 25, 28, 31, 37, 75, 78

Preconceito 5, 92, 97, 99

Prosa 11, 16, 28, 36, 41, 44, 46, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 90, 91, 99

## **R**

Reflexão 28, 44, 45, 48, 51, 57, 72, 89, 90, 107, 118, 129, 132, 142

Resistência 5, 7, 1, 10, 125, 149

## **S**

Submissão 13, 15, 23, 43, 52, 71, 78, 92, 128

Sujeição 13

Supremacia 52, 58

## **T**

Teoria da literatura 5, 8, 128

Terror 8, 52

Testemunho 5, 1, 2

Tradição Oral 92, 93

# Matizes na Literatura Contemporânea 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# Matizes na Literatura Contemporânea 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2021